

## GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA COMO ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE

Kathleen dos Santos Silva

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes).*

[kathleendossilva@gmail.com](mailto:kathleendossilva@gmail.com)

Brenda de Lima Pinto da Silva

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS.*

[brelimap@gmail.com](mailto:brelimap@gmail.com)

Beatryz Andrade Lira

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes).*

[beatryzliraa@gmail.com](mailto:beatryzliraa@gmail.com)

Katiuscia Kintschev

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS.*

[katykint@hotmail.com](mailto:katykint@hotmail.com)

Zaira de Andrade Lopes

*Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS. Líder do Grupo de estudos e pesquisa em aspectos psicossociais, históricos e culturais na constituição da subjetividade – GEPAPHCS/UFMS – CNPq.*

[zaira.lopes@ufms.br](mailto:zaira.lopes@ufms.br)

[genpsiufms@gmail.com](mailto:genpsiufms@gmail.com)

*Simpósio Temático nº 07 – AS QUESTÕES ENTRE RAÇA E GÊNERO NO CONTEXTO DE  
FORMAÇÃO CURRICULAR BRASILEIRA.*

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar o Grupo de estudos e Pesquisa em aspectos psicossociais, históricos e culturais na constituição da subjetividade – GEPAPHCS/UFMS – CNPq, como um espaço que possibilita discussões sobre concepções de gênero, raça e classe. GEPAPHCS ou GenPsi (Gênero e Psicologia), foi instituído em 2011 e, desde então, as pessoas que participam são predominantemente das Ciências Humanas, estudantes de

graduação e pós-graduação, e profissionais de setores públicos e privados. O grupo é aberto aos que se interessam pela temática e funciona, devido à pandemia da COVID-19, de modo remoto, tendo como base a leitura de ensinagem da Anastasiou, na formação das “equipes ativas” compostas por integrantes do grupo para cada texto a ser debatido, e como instrumento a obra “Pensamento Feminista: conceitos fundamentais” organizado por Heloisa Buarque de Hollanda. No primeiro semestre de 2021 as reuniões ocorreram semanalmente, estudando as autoras: Nancy Fraser, Joan Scott, Monique Wittig, Sandra Harding, Teresa de Lauretis, Donna Haraway e Judith Butler; no segundo semestre, com reuniões quinzenais, estudando obras de: Audre Lorde, Gayatri Spivak, Patricia Hill Collins, Sueli Carneiro, Gloria Anzaldúa e Lélia Gonzalez. O contato coletivo com as obras produzidas por essas autoras, possibilita a produção de reflexões que por diversos motivos não se “enquadram” nas grades curriculares. São reflexões coletivas que auxiliam na transformação da consciência individual dos que compõem o grupo e que refletem nas relações sociais e no compromisso ético e político da produção acadêmica e da atuação profissional.

**Palavras-chave:** Estudos de Gênero, Compromisso ético e político, Espaços coletivos.

## ABSTRACT

The objective of this work is to present the Study and Research Group on psychosocial, historical and cultural aspects in the constitution of subjectivity – GEPAPHCS/UFMS – CNPq, as a space that allows discussions on gender, race and class conceptions. GEPAPHCS or GenPsi (Gender and Psychology), was established in 2011 and since then, the people who participate are predominantly from the Human Sciences, undergraduate and graduate students, and professionals from the public and private sectors. The group is open to those interested in the subject and works, due to the COVID-19 pandemic, remotely, based on the reading of *ensinagem*, by Anastasiou in the formation of "active teams" composed of group members for each text to be debated, and as an instrument the work “Feminist Thought: fundamental concepts” organized by Heloisa Buarque de Hollanda. In the first semester of 2021, the meetings happened weekly, studying texts of the authors: Nancy Fraser, Joan Scott, Monique Wittig, Sandra Harding, Teresa de Lauretis, Donna Haraway, and Judith Butler; in the second semester, with biweekly meetings, studying texts of the authors: Audre Lorde, Gayatri Spivak, Patricia Hill Collins, Sueli Carneiro, Gloria Anzaldúa and Lélia Gonzalez. The collective contact with the works produced by these authors enables the production of reflections that for various reasons are not present in the curriculum. They are collective reflections that help transform the individual conscience of those who make up the group and that reflect on social relationships and on the ethical and political commitment of academic production and professional performance.

**Keywords:** Gender studies, Ethical and political commitment, Collective spaces.

## INTRODUÇÃO

Os grupos de estudos e pesquisa são ambientes que possibilitam trocas e elaborações conjuntas de conhecimentos entre pessoas interessadas na temática proposta pelo grupo, incluindo profissionais, graduandos, pós-graduandos/as/es e pesquisadores/as. Essa produção, por meio da pesquisa e do estudo de obras científicas e literárias, pode articular temáticas como classe, raça e gênero, elementos estruturais e interseccionais na sociedade brasileira, portanto, essenciais quando o assunto é atuação comprometida ética, social e politicamente, independente da área de formação, pesquisa e atuação profissional.

Considerando a potência desses espaços, este trabalho se propõe a apresentar o Grupo de estudos e Pesquisa em aspectos psicossociais, históricos e culturais na constituição da subjetividade – GEPAPHCS, como um espaço que possibilita discussões sobre concepções de gênero, raça e classe.

O GEPAPHCS localiza-se na cidade universitária, situada na capital do estado, Campo Grande- MS e é carinhosa e simplificada e denominado e conhecido por GenPsi, abreviação de Gênero e Psicologia, por ser um dos eixos significativos que orientam suas linhas de pesquisas e estudos. O grupo foi certificado em 2011, pela Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Mato Grosso Sul – UFMS, e está inserido na base de dados do Diretório de Grupos de Pesquisa na Plataforma Lattes/CNPq. As líderes do GenPsi são a professora Dr<sup>a</sup> Zaira de Andrade Lopes e Gabriela Lopes de Aquino.

Desde a submissão do grupo de estudos na plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, as pessoas que participam são predominantemente das Ciências Humanas e Educação, e congrega estudantes de graduação e pós-graduação, bem como profissionais de setores públicos e privados. Seus estudos e atividades são desenvolvidos a partir de três linhas de pesquisa: Gênero e Psicologia Social; Relações de gênero, sexualidade e violência nos contextos sociais; e Representações Sociais: sentidos e significados dos processos socioculturais na formação das identidades.

O GenPsi surgiu da necessidade de suprir as deficiências e ausências do acesso aos estudos de gênero, tanto no contexto da grade curricular dos cursos de psicologia, como também em grades curriculares de outros cursos, facilitando a elaboração conjunta de

conhecimentos, pelos/as/es graduandos/as/es e pós-graduandos/as/es, profissionais e demais pessoas interessadas nas atividades do grupo.

O grupo é um espaço composto por pessoas que se interessam pelas temáticas-chaves dos estudos, e que se reúnem semanalmente, de forma presencial no bloco do Mestrado de Psicologia da UFMS, todas as segundas-feiras das 17h30min às 19h30min. Devido à pandemia da COVID-19, em 2020 não foi possível a realização dos encontros presenciais, contudo, neste período foram articuladas as possibilidades de retorno remoto das atividades e discussões, considerando as limitações que existiam ou poderiam surgir, as readaptações a serem realizadas, o uso das ferramentas tecnológicas, a modalidade dos encontros e os materiais de estudo.

Dessa forma, em março de 2021 foram retomados os encontros, que funcionaram de modo remoto, via plataforma *Google Meet*, tendo o processo de ensinagem, apresentado por Anastasiou (2015), como fundamento para o processo de estudos e aprendizagem. O processo de ensinagem propõe o desenvolvimento de atividades onde todas as pessoas que integram o processo se mobilizem, ativamente, para a realização dos estudos e ações definidas para o período estabelecido de ações.

Respeitando esse processo, como estratégia de ensinagem, foram organizadas as Equipes Ativas de Estudo, que durante o período da pandemia da Covid-19, consistiu na formação de diferentes equipes, responsáveis por mediar os debates e por organizar a escrita dos relatórios referentes a estes debates.

Durante o ano de 2021 a obra selecionada para estudo foi “Pensamento Feminista: conceitos fundamentais” organizado por Heloisa Buarque de Hollanda. Dessa obra, foram selecionados no decorrer de 2021 e estudados os textos das autoras: Nancy Fraser, Joan W. Scott, Monique Witting, Sandra Warding, Teresa de Lauretis, Donna Haraway, Judith Butler, Audre Lorde, Gayatri Spivak, Patricia Hill Collins, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Gloria Anzaldúa.

## DESENVOLVIMENTO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o GEPAPHCS como um espaço que possibilita discussões sobre concepções de gênero, raça e classe. Considerando nesta

apresentação, que o funcionamento do grupo ocorreu de forma remota no ano de 2021, em função das estratégias de biossegurança frente a pandemia da Covid-19, que preconizam o distanciamento físico.

Mesmo com as reuniões em formato remoto, o trabalho em grupo, conforme a leitura de Rossit et al. (2018), surge dos interesses comuns, num espaço oportuno aos estudos e interações entre as pessoas que o integram, tendo como base a construção coletiva do conhecimento.

Além da produção do saber científico, esse espaço também proporciona o compartilhamento de experiências pessoais e acadêmicas. Nessa perspectiva, de acordo com Antunes e Farias (2000), o principal objetivo dos grupos de pesquisa é “colocar em convívio pessoas diferentes, pensamentos divergentes, realidades distintas, histórias de vida singulares” (p. 5).

Segundo Anastasiou e Alves (2015), em oposição aos modelos memorizativos tradicionais de ensino, a constituição coletiva de momentos de experimentação pode se mostrar uma saída, a partir da vivência e da reflexão sistemática, pela socialização de relatos entre o grupo, tomando as dificuldades como objeto de estudo.

Diante disso, pensando num espaço que possibilite trocas de experiências e a produção coletiva de saberes, nesta seção será apresentada a abordagem Teórico-Pedagógica utilizada para pensar o funcionamento dos encontros e a formação da estratégia de ensinagem “Equipes Ativas de Estudo” fundamentada em Anastasiou. Posteriormente, serão descritas as atividades realizadas e apresentadas algumas sínteses dos materiais produzidos, durante e após os encontros.

#### a) Abordagem Teórico-Pedagógica

Na organização das atividades utilizou-se, como referencial teórico, a abordagem de Anastasiou (2015) sobre os processos de ensinagem. Na concepção da autora, a aprendizagem se efetiva apenas quando o conteúdo passa de informação à conhecimento, sendo para tal necessário o movimento dialético entre o ensinar e o apreender. Nesse percurso, onde todas as pessoas envolvidas são ativas no processo, é possível pensar-se numa superação do modelo

tradicional de ensino, onde uma pessoa transmite o conteúdo e a outra recebe e armazena como informação, de forma passiva.

Para que seja efetivada a superação do “dar aula” e “assistir”, de forma passiva, para o “fazer aula”, onde as pessoas envolvidas são ativas no processo, e a aprendizagem seja alcançada enquanto objetivo da ensinagem, a autora propõe o planejamento e a elaboração de estratégias de ensinagem, que tratam dos recursos e ferramentas de que se dispõe para concretizar a aprendizagem (ANASTASIOU, 2015). E é essa proposta que sustenta a técnica “Equipes Ativas de Estudo”, desenvolvida especificamente para as atividades do GenPsi.

Pensando em otimizar as discussões e aprimorar a construção de conhecimento pelos/as/es integrantes do GenPsi, a estratégia “Equipes Ativas de Estudo” busca incentivar maior autonomia e implicação de cada um/a na leitura dos textos, de modo a construir coletivamente saberes cada vez mais consistentes no campo dos estudos de gênero.

Conforme propõe Anastasiou e Alves (2015), tal estratégia tem como ponto de partida a prática social dos/as/es envolvidos/as/es, favorecendo a mobilização do pensamento e para que se consolide a construção do conhecimento. Sendo o locus desse processo, o grupo está para além de um conjunto de pessoas: constitui-se num espaço de interação e compartilhamento onde se coloca em prática o respeito à singularidade e a totalidade do outro, numa atitude de autonomia e maturidade.

A estratégia funcionou da seguinte maneira: cada texto selecionado para as discussões coletivas nos encontros foi destinado a uma equipe, composta por membros do GenPsi. As equipes possuíam duas funções para esse processo: mediadores/as - que se responsabilizavam pela condução das discussões e; relatores/as - responsáveis por organizar a escrita dos relatórios referentes ao que era discutido nos encontros. A essas, também era atribuída a elaboração de postagens para a página do *Instagram* do GenPsi (@genpsi.ufms), expondo brevemente sobre os conteúdos e autoras de cada semana.

No primeiro semestre de 2021, para o estudo de cada um dos textos selecionados pelo grupo, eram realizados dois encontros sob a responsabilidade de uma equipe, composta por 2 mediadores/as e 2 relatores/as. No segundo semestre de 2021, identificou-se a necessidade de uma alteração na dinâmica dos encontros, de modo a favorecer a continuidade da participação dos/as/es membros/as/es.

O delineamento dessa estrutura enquanto uma estratégia grupal foi fundamentado no que propõe Anastasiou e Alves (2015, p. 75) pois, “é fundamental sua organização, sua preparação cuidadosa, o planejamento compartilhado e mutuamente comprometido” entre as pessoas participantes que, sendo sujeitos de seu processo, são ativos/as/es com “objetivos, normas, formas de ação, os papéis, as responsabilidades, enfim, o processo e o produto desejados, que devem estar explícitos, compactuados”. Sendo necessário o estabelecimento de parcerias, com papéis bem situados e sendo articuladores dos objetivos pretendidos.

Desse modo, optou-se em 2021.2 pela realização de encontros quinzenais, alternadamente, com uma semana sendo destinada à leitura dos materiais pelos/as/es integrantes e outra, para os encontros virtuais. As equipes passaram a uma nova composição, de apenas 2 mediadores/as, com a função também de relatores/as, alinhando-se com o que descreve Anastasiou e Alves (2015) em termos do respeito necessário diante das condições favoráveis ou não, quanto à aplicação das estratégias.

O estabelecimento das funções atribuídas às equipes, descritas acima, se deu unicamente para auxiliar na mobilização e postura ativa por parte de cada integrante do grupo, sendo que não era o intuito que houvesse um engessamento na realização das atividades. Cada equipe tinha liberdade para se organizar em torno dessas funções como melhor compreendesse, considerando a proposta de cada texto e o andamento dos encontros.

Ademais, a estratégia adotada preconiza que todos/as/es integrantes do GenPsi são responsáveis pelo processo de aprendizagem, que inclui: leitura dos materiais, participação nas discussões e escrita conjunta do relatório, que fica com acesso disponível para acréscimos de citações, reflexões e indicações de materiais como músicas, vídeos, filmes e leituras.

Adaptações e reajustes na proposta metodológica do grupo foram fundamentais para a efetivação do processo de elaboração e troca de saberes. Para Anastasiou (2015) “as aprendizagens não se dão todas da mesma forma, dependem tanto do sujeito que apreende, quanto do objeto de apreensão” (p.21). A seleção e aplicação das estratégias precisa estar ajustada aos objetivos, aos conteúdos e aos/às estudantes.

Após os encontros, as produções resultantes ficam organizadas na plataforma virtual do *Classroom* (sala de aula), no item “materiais”, majoritariamente compostas por: gravações e chats das aulas online; relatórios; materiais indicados. Além das produções, na plataforma

também são disponibilizados os textos a serem estudados, avisos, e indicações de materiais complementares.

Como ferramenta complementar, o GenPsi utiliza um aplicativo que possibilita a organização de grupos para troca de mensagens rápidas via celular, *WhatsApp*, que auxilia a comunicação sobre encontros, informações, notícias e atualidades, e indicação de materiais pertinentes às temáticas estudadas. O uso de tais recursos virtuais possibilita maior aproximação e acessibilidade entre os/as/es integrantes e os conteúdos trabalhados.

Com referência nas ideias de Anastasiou (2015) sobre os processos de ensinagem, nesse percurso, o GenPsi buscou (e busca) a elaboração de saberes partilhados, onde a apreensão do conhecimento sobre gênero, raça e classe ocorre em forma de rede, sendo tecida, ativamente, pelos/as/es integrantes. Nessa perspectiva, novos conhecimentos foram elaborados a cada encontro, considerando o conhecimento a priori, a postura ativa e as relações estabelecidas no grupo, num compromisso ético-político com a produção de saberes no espaço acadêmico.

#### b) Descrição das atividades realizadas e materiais produzidos

Para os estudos de 2021, foram selecionados textos da obra *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*, organizada por Heloisa B. de Hollanda (2019), com o objetivo que compilar produções que são referências nos estudos de gênero.

No primeiro semestre de 2021, com reuniões semanais, foram realizados 14 encontros para o debate de sete artigos da primeira sessão da obra escolhida, sessão voltada à apresentação da construção do conceito de gênero, com as autoras: Nancy Fraser, Joan Scott, Monique Wittig, Sandra Harding, Teresa de Lauretis, Donna Haraway e Judith Butler.

As autoras apresentadas nessa primeira sessão, correspondem aos estudos da terceira onda feminista, são autoras que apresentam, como proposta, a superação de oposições binárias presentes nos conceitos de sexo e de gênero, para a construção de novas leituras sobre a construção social destes conceitos e a elaboração de novas perspectivas a respeito da orientação sexual e das identidades de gênero.

*Nancy Fraser* (2019), com o texto “O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história”, faz uma análise comparando aspectos da segunda onda feminista com as mudanças

do modo de produção capitalista. Ao final, a autora deixa o alerta sobre a possibilidade do movimento feminista sucumbir ante uma nova face e proposta do capitalismo ou do movimento não ser capaz de formular estratégias que o impeça.

*Joan Scott* (2019), com o texto “Gênero: Uma categoria útil para análise histórica”, evidencia a ampliação da categoria de “gênero” como um elemento separado da história, para uma categoria presente em todos os contextos e capaz de ajudar na compreensão das mudanças históricas, refletindo nos estudos da contemporaneidade, em outras palavras, o entendimento da história, sob a perspectiva de “gênero”, possibilita a compreensão das construções atuais acerca do mesmo.

*Monique Wittig* (2019), com o texto “Não se nasce mulher”, através do enfoque feminista materialista da opressão feminina, aponta que é preciso desfazer a ideia de “mulher” como um conceito natural. A mulher, para a autora, da mesma forma que para Simone de Beauvoir, é um mito, cujo enfoque adotado “mostra que o que tomamos por causa ou origem da opressão é de fato apenas a *marca* imposta pelo opressor; o ‘mito de mulher’, mais seus efeitos e manifestações materiais na consciência e nos corpos capturados de mulheres” (WITTIG, 2019, p. 85).

*Sandra Harding* (2019), com o texto “A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista” discute as totalizações teóricas e conceituais no feminismo, defendendo a impossibilidade de se chegar a um paradigma de “ciência normal”, com pressupostos comuns a todas as correntes. A autora afirma que as categorias analíticas devem ser instáveis, expressando a vida social e o mundo - que são instáveis e em constante transformação -, expõe os desafios contidos nas teorias feministas, diante das divergências teóricas e conceituais, num contexto científico marcado pelo androcentrismo e pelas totalizações da ciência moderna. Assim, explicita rupturas necessárias para a preservação da pluralidade e interseccionalidade, presentes no pensamento feminista.

*Teresa de Lauretis* (2019), com o texto “A tecnologia do gênero”, inicia sua escrita destacando que gênero e diferença sexual precisam estar separados para serem compreendidos, pois, a partir da visão Foucaultiana, gênero é “uma complexa tecnologia política”. Lauretis defende que gênero é produto de um processo de “tecnologias sociais”, como cinema, práticas e críticas cotidianas. O termo “tecnologia de gênero” é um instrumento que liga as práticas e os discursos, gerando sujeitos que se reconheçam como homem e

mulher.

*Donna Haraway* (2019), com o texto “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. O ciborgue é uma figura evocada por pela autora para discutir as questões de gênero na sociedade contemporânea. Para Haraway, ciborgue seria um organismo cibernético, “um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo”. (2019, p. 157-158).

Não há, portanto, a demanda de que identidades sejam (de)limitadas: a contradição é inerente e aceitável do ponto de vista do ciborgue, e para entender o novo sujeito, ciborgue, é preciso entender seu contexto, assim como as diferentes representações sobre as tecnologias e influências da tecnologia sobre este, por isso a importância de não unificar, mas recuperar as afinidades existentes.

*Judith Butler* (2019), com o texto “Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre a fenomenologia e a teoria feminista”, discute o conceito de gênero enquanto “atos em formação”, constituído de possibilidades, que são historicamente convencionadas. Para ela, esses atos não trazem consigo uma essência ou elemento determinante que estabeleça e defina a performance, não há uma essência a ser expressa. O que há, é uma performance que vai se fazendo, se constituindo, dando forma a identidades de gênero que não se encerram em si mesmas, e que se apoiam em regras e tabus. Butler enfatiza o cerceamento e a coerção de performances, que são punidas quando não correspondem às exigências convencionadas na vida social.

Essas autoras ajudam a refletir sobre as produções acadêmicas, ressaltam a necessidade da atenção nos estudos de gênero, frente aos diferentes contextos onde o conceito de gênero é significado, considerando perspectivas históricas, econômicas e sociais. Como defende Scott (2012, p. 347) “(...) gênero é uma questão perpetuamente aberta: quando pensamos que foi resolvido, sabemos que estamos no caminho errado”, o movimento de luta e superação de paradigmas deve ser constante.

No segundo semestre de 2021, as reuniões ocorreram quinzenalmente e foram realizados 5 encontros para o debate de sete artigos da segunda sessão obra escolhida, voltada para a apresentação de estudos interseccionais e sob a perspectiva decolonial, com as autoras:

Audre Lorde, Gayatri Spivak, Patricia Hill Collins, Sueli Carneiro, Gloria Anzaldúa e Lélia Gonzalez.

As autoras apresentadas na segunda sessão da obra, correspondem aos estudos interseccionais, são autoras feministas que apresentam, como proposta, um feminismo que permita a superação de fronteiras, como oposições a serem combatidas, para a construção de espaços que permitam a reflexão e a elaboração de novas leituras sobre as diferenças, sobre a diversidade humana, articulando o debate de raça e gênero.

*Audre Lorde* (2019), por exemplo, vai dizer que não existe hierarquia de opressão e que é necessária a elaboração de novas ferramentas para a destruição das estruturas opressoras. Esse movimento depende da articulação dos/as/es oprimidos/as/es, da forma como abraçam suas diferenças. A autora abriu as discussões do semestre, com os textos “Não existe hierarquia de opressão” e “Idade, Classe e Gênero: mulheres redefinindo a diferença”.

*Gayatri Spivak* (2019), com o texto “Quem reivindica alteridade?”, traz uma leitura diferente sobre a realidade dos povos nativos da Índia, seu país de origem, faz uma denúncia a respeito dos reflexos do processo de colonização e ressalta a necessidade de se ouvir as diferentes vivências, de abrir espaço para que pessoas e povos oprimidos encontrem ecos também nos movimentos feministas, mais especificamente, num feminismo decolonial.

*Patrícia Hill Collins* (2019), com o texto “Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição” vai abordar a necessidade de se pensar a elaboração de espaços seguros. Esses espaços possibilitam a formação da consciência, caracterizada pela autodefinição, autovalorização e respeito, autoconfiança e independência, e a centralidade de um eu transformado para o empoderamento pessoal.

*Lélia Gonzalez* (2019), com o texto “A categoria político-cultural da Amefricanidade”, e *Sueli Carneiro*, com o texto “Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”, assim como as autoras citadas anteriormente, destacam a necessidade de pensar a mulher para além de um padrão branco, europeu e burguês. Elas denunciam as consequências da escravização dos povos nativos no Brasil (Colônia e Império), de africanos e indígenas, e o reflexo desse passado, as marcas que perseguem seus/suas descendentes e precisam fazer parte das pautas de luta do movimento feminista brasileiro e latino-americano, incluindo-os também nas produções científicas.

*Gloria Anzaldúa* (2019), com o texto “La conciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência”, vai articular sua existência híbrida, entre ser descendente de pessoas mexicanas e ser cidadã estadunidense. Sua reflexão visa a superação das fronteiras, para além de ser mexicana ou estadunidense, se identifica como chicana e tenta encontrar sua identidade no espaço que liga as fronteiras, busca ser e construir pontes, antes de ligar-se ou desligar-se de algo que a constitui.

Essas autoras propõem o refletir para além do que está posto, superando inclusive a visão da ciência como verdade absoluta. No Brasil, preconceitos de classe, raça e gênero, permeiam a sociedade e são reforçados pela ciência, e até pelo movimento feminista, quando se negam a discutir as diferentes formas de opressão.

Essas discussões precisam fazer parte da formação escolar e acadêmica, enquanto esse ideal não se torna realidade, que espaços de reflexão, como os grupos de estudo e pesquisa, sejam considerados espaços seguros e potentes, que invistam na formação acadêmica e profissional, conseqüentemente, nas produções científicas e nas diferentes práxis.

Para complementar as atividades realizadas pelo grupo, foram integrados às discussões teóricas, a organização de eventos temáticos, na intenção de articular os conteúdos trabalhados em um formato mais dinâmico e de maior alcance. Como exemplo, o Sarau Efervescências Culturais e Suspiros Poéticos, como uma forma lúdica de encerramento das atividades do primeiro semestre, com a apresentação de interpretações artísticas por integrantes do GenPsi e por convidadas/os/es.

E no segundo semestre, foi organizada a Roda de Conversa “Gênero e raça: intersecções, movimentos e enfrentamentos à violência”, com convidadas atuantes no movimento feminista negro, que puderam compartilhar experiências e reflexões, diferentes das compartilhadas pelo grupo e ao mesmo tempo reafirmar debates já realizados. Eventos como esses possibilitam novos contatos e relações com o processo de aprendizagem.

Como defende Paulo Freire (1996, p. 30) “Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível”, que o ensinar e o apreender, gere conhecimento, e este a produção de novas consciências, consciências que possibilitem a construção de pontes, individuais e coletivas, pequenas pontes, pequenas mudanças, que abram horizontes e novas perspectivas de ver e atuar no mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos desafios subjacentes às atividades remotas - quanto às falhas de tecnologia, dificuldades de acesso a aparelhos eletrônicos, tais como *smartphones* e computadores, e as dificuldades de acesso e conexões à rede de internet - esta modalidade oportunizou a participação de pessoas que, na modalidade presencial, teriam dificuldades relacionadas à locomoção ou não poderiam participar, por não residirem em Campo Grande-MS. Assim, o grupo teve a oportunidade de trocar experiências com pessoas de outras cidades e estados, favorecendo o acesso a novas culturas e saberes.

Com o decorrer do primeiro semestre de 2021, observando algumas dificuldades do grupo em relação à participação nos encontros semanais e considerando o formato remoto das atividades, que podem tornar as rotinas mais extenuantes, para o segundo semestre a estratégia de ensinagem necessitou de reajustes. Entendendo que, no processo de elaboração de conhecimentos, as necessidades de todas as pessoas envolvidas precisam ser integradas, seja à metodologia, seja às rotinas de atividades, a abertura do grupo a adaptações foi fundamental para a aprendizagem e trocas realizadas.

Com a participação ativa do grupo e o avanço na compreensão dos conceitos, os/as/es participantes foram ressignificando o mundo e as implicações que as construções sobre gênero exercem sobre o primeiro e ampliando as ferramentas que permitem refletir sobre as relações, a própria formação e a atuação profissional. Tais elaborações demonstraram a significativa importância do GenPsi, enquanto um espaço para refletir, discutir e tecer novas formas de ser e atuar no mundo, seja no âmbito pessoal, acadêmico e/ou profissional.

Outra dimensão, a ser evidenciada, é a contribuição dos estudos realizados no Genpsi para a formação de profissionais visto que, nas avaliações realizadas nos próprios encontros, ficou explícita a existência de uma lacuna nas grades das formações no ensino superior, que mostra um contexto no qual as temáticas e estudos de gênero, raça e classe, não constam nas matrizes curriculares regulares.

O GenPsi constitui-se em um “espaço seguro” onde é possível refletir individual e coletivamente a realidade social na qual se está inserido/a/e, sob a perspectiva da intersecção de categorias como classe, raça e gênero. Unir e contrapor diferentes leituras sobre o mesmo

tema e conhecer diferentes experiências, na troca coletiva e na própria leitura dos textos, promove novas consciências, que permitem pequenas superações, transformações, naqueles/as que participam das trocas e naqueles/as que por estes são afetados/as/es.

## REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. G. C. Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem. In: ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. (Orgs). **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 5.ed. Joinville: Ed. Univille, 2015.

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. Estratégias de ensinagem. In: ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. (Orgs). **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 5.ed. Joinville: Ed. Univille, 2015.

ANZALDÚA, G. La conciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência. In: HOLLANDA, H. B. (org.) **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

BUTLER, J. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre a fenomenologia e a teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. (org.) **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, H. B. (org.) **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

COLLINS, P. H. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. In: HOLLANDA, H. B. (org.) **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

FARIAS, G. F., ANTUNES, H. S. A constituição de grupos de pesquisa e a figura feminina: a trajetória do grupo de estudos e pesquisa sobre formação inicial, continuada e alfabetização (GEPFICA) no cenário social. **Travessias**, Cascavel, v. 3, n.3, p. 1-19, 2000. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3445/2739>>. Acesso em: 11/12/21.

FRASER, N. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. In: HOLLANDA, H. B. (org.) **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural da Amefricanidade. In: HOLLANDA, H. B. (org.) **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HOLLANDA, H. B. (org.) **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. (org.) **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

HOLLANDA, H. B. Introdução. In: HOLLANDA, H. B. (org.) **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. (org.) **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

LORDE, A. Idade, Classe e Gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: HOLLANDA, H. B. (org.) **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

LORDE, A. Não existe hierarquia de opressão. In: HOLLANDA, H. B. (org.) **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

ROSSIT, R. A. S; SANTOS JUNIOR, C. F. MEDEIROS; N. M. H; MEDEIROS, L. M. O, P; REGIS C. G; BATISTA, S. H. S. S. Grupo de pesquisa como espaço de aprendizagem em/sobre Educação Interprofissional (EIP): narrativas em foco. **Interface**, Botucatu, v.22, Supl. 2, p.1511-1523, 2018. Disponível em:  
<<https://www.scielo.br/j/icse/a/Tz6rCQBRTVLWTnsnJDJH4ms/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 11/12/21.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, H. B. (org.) **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

SCOTT, J. W. Os usos e abusos do gênero. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012. Disponível em:  
<<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15018/11212>>. Acesso em: 11/11/21.

SPIVAK, G. Quem reivindica alteridade? In: HOLLANDA, H. B. (org.) **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

WITTIG, M. Não se nasce mulher. In: HOLLANDA, H. B. (org.) **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.